

A VISÃO DE UM GRUPO DE PAIS E MÃES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CUIABÁ-MT ACERCA DE SUA PARTICIPAÇÃO NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Claudia Aline Leite da Silva
clau_aline@hotmail.com

Marilim Gomes Loureiro de Oliveira
marilim_ufmt@hotmail.com

Roseméry Celeste Petter
rosypetter@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado I do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. O Estágio ocorreu em uma escola municipal de Cuiabá-MT e uma das categorias de coleta de dados foi a dimensão comunitária. Nela buscou-se saber sobre a participação dos pais e mães e as nuances do relacionamento destes com a escola. Tem-se o objetivo de saber sobre a participação dos pais e mães e as nuances do relacionamento destes com a escola. Procedimentos metodológicos: análise bibliográfica e pesquisa de campo. A escola precisa fomentar de forma efetiva a maior e melhor participação do segmento dos pais e mães na escola, o que possibilita melhorar as relações entre os demais segmentos.

Palavras-chave: escola, participação, segmento de pais e mães.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado I do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. O Estágio ocorreu em uma escola municipal da periferia de Cuiabá-MT e uma das categorias de coleta de dados foi a dimensão comunitária. Nela buscou-se saber sobre a participação dos pais e mães e as nuances do relacionamento destes com a escola. Pretende-se, com este trabalho trazer alguns achados e questionamentos acerca de como um grupo de pais e mães vêem a escola, sobretudo no que se refere a sua participação.

Para o seu desenvolvimento optou-se por uma investigação que privilegiasse técnicas qualitativas de análise, que possibilita enxergar os múltiplos aspectos que envolvem a participação e as diferentes nuances do relacionamento dos pais e mães com a escola. Participaram como depoentes 10 pais e mães, que responderam um questionário aberto com 10 questões.

Estas foram analisadas a luz de duas categorias chaves que foi a relação dos pais e mães com a escola, com destaque para a participação e a visão dos pais sobre a relação da escola com outros órgãos. Os achados da pesquisa não são conclusivos, nem generalizáveis, pois se

trata de uma realidade pontual. Contudo, alguns aspectos encontrados na investigação já foram apontados em outras pesquisas e também em obras que tratam da gestão escolar.

DESENVOLVIMENTO

A investigação teve início quando foi perguntado aos pais e mães se os mesmos participam das Reuniões de Pais e Mestres. Do total de 10 pais e mães, 8 responderam que participam e 2 informaram que não. Os motivos alegados para não participar na reunião foram a devido o horário das reuniões ocorrerem enquanto estão trabalhando. Aos pais que participam foi perguntado qual a maior preocupação deles em relação aos seus filhos na escola. Todos apontaram o comportamento e as notas.

Aos depoentes foi indagado se participam na vida da escola, em outras atividades e nos espaços coletivos de tomada de decisão dela. O intuito desta questão consistiu em verificar a presença dos mesmos em outras atividades que não fosse apenas a Reuniões de Pais e Mestres. Boa parte dos depoentes, afirmaram que não participam. Um dos pais afirmou “*Acho que não é importante*”; outro disse que “*Não participo, mas procuro saber o que aconteceu*”; já outra mãe diz que “*Não participo porque estou trabalhando*”. Outra parte dos depoentes afirma participar das atividades da escola, principalmente das festas ou comemorações e procuram saber o que ocorre na escola. Contudo, o que se pode constatar é que os pais ao responder esta questão mostraram que a escola tem problemas e que soluções devem ser tomadas. Mas eles procuram saber o que acontece na escola, mas não vão nela para participar das discussões e das tomadas de decisão. Tal aspecto demonstra certa omissão, delegando exclusivamente aos agentes internos da escola (equipe gestora e professores) a responsabilidade de decidir seus rumos.

Para Juan Dias Bordenave (1983), a participação consiste em fazer parte, tomar parte ou ter parte. Tal conceituação remete a idéia de que existem diferenças na qualidade e na intensidade da mesma. Ao “fazer parte” de um grupo a pessoa pode apenas estar presente nele, sem necessariamente envolver-se nas tomadas de decisão ao manter uma atitude de indiferença. Isso pode ser denominada participação passiva. Contudo, quando deixa a inércia de lado e envolve-se nos processos decisórios de modo a “tomar parte” efetiva nos mesmos, tem-se uma participação ativa.

Neste vértice a participação não é entendida como uma dádiva, uma concessão. É uma conquista. Recebê-la como tutela, significa aceitá-la dentro de certos limites conforme os interesses e a vontade do doador. Na participação vista como concessão, o poder se faz como um remanescente das políticas sociais e não como o eixo central delas, obscurecendo a perspectiva da participação como uma conquista (Demo, 1996).

Ora o que se percebe é que para os depoentes a participação limita-se a “fazer parte da escola como pais dos alunos”. Pode ser que ainda estes pais não tenham a informação de que fazem parte de um segmento da comunidade escolar, que tem o direito de participar dos espaços de tomada de decisão da escola, como, por exemplo, do Conselho Escolar. Parece que eles não têm esta informação ou a própria escola não favorece o processo de participação dos pais de modo que “tomem parte dela”.

Em seguida, perguntamos se a escola oferece palestras e cursos para os pais e mães. Apesar da maioria dizer estar informada dos projetos de trabalho oferecido para os mesmos, é significativo o número de pais que não souberam especificar quais eram eles. No período da investigação a escola estava oferecendo aos pais e mães um curso básico de computação. Nenhum dos respondentes estava participando dele. Em vista disso, perguntou-se como são comunicados das ações da escola. Todos responderam que são informados através de bilhete que é escrito pelo (s) filho (s) em seu caderno. Esta, segundo eles, é a forma de comunicação mais utilizada. Isto suscita a alguns questionamentos: Se há pais que são informados, por que outros não são? Os pais leram e compreenderam o bilhete? A escola utilizou outros meios para divulgação?

Foi observado que todas as sextas-feiras os alunos são liberados mais cedo, contudo os pais não são informados do horário certo em que são liberados. Algumas mães e pais ficam esperando um bom tempo seus filhos.

Ainda no que se refere às informações, foi perguntado aos pais e mães se os mesmos têm conhecimento sobre a escola ceder suas instalações – principalmente o pátio - à comunidade para eventos como reuniões, cursos, práticas de esportes, lazer, tais como, aniversários e casamentos e qual sua opinião a respeito.

Observamos que boa parte dos pais sabe desse aspecto. Porém apenas um grupo pequeno deles demonstrou um bom grau de satisfação sobre esta possibilidade. A maioria dos pais não quis se manifestar. Será que de fato tinham conhecimento deste aspecto?

Vale aqui trazer a visão de Heidrich (2009, p. 30) de que,

A escola pode abrir a quadra, o pátio e até as salas de aula para pais e vizinhos e oferecer atividades esportivas, culturais e sociais quando esses ambientes não estiverem sendo utilizados pelos alunos. Para que essa iniciativa dê certo, é preciso que a gestão estabeleça normas claras e organize os horários adequados para garantir a segurança dos usuários e do patrimônio, além da utilização compatível com os objetivos da escola. Essa ação tem sido transformada em políticas públicas por algumas redes, que a incentivam e dão subsídio para que ela aconteça, na medida em que atende a uma necessidade do público por um lugar organizado para o lazer. A comunidade, por sua vez, passa a respeitar o espaço que utiliza.

Também foram indagados se sabiam dos projetos desenvolvidos pela escola bem como de ações promovidas nela ou para ela em parceria com outros órgãos. Boa parte dos pais e mães informou que as professoras fizeram a inscrição de seus filhos no *Programa Educa Mais* e aprovam o mesmo. Houve algumas mães que, ao contrário, questionaram o que era feito durante o desenvolvimento deste projeto. Afirmam que ao invés de terem atividades lúdicas variadas, estas ficam restritas somente a corridas, pular corda ou brincar com a bola. Perguntou-se se eles têm conhecimento sobre Projetos na Escola com a Polícia. Responderam que há a Polícia Comunitária. Sentem-se mais seguros com o carro da polícia fazendo ronda em frente à mesma. Uma mãe respondeu: - "*Não sei falar, mas tem a polícia para a nossa segurança*". Outra se referiu ao Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD que não

vem mais à Escola. O PROERD – PM/MT visa atender crianças pré-adolescentes a partir da 5ª/ 6ª série e não trabalham com crianças pequenas das séries iniciais, como é o caso da escola em que foi realizado o Estágio. Possivelmente os respondentes confundiram a presença da Polícia Comunitária. Mas desconhecem qualquer outro projeto que a polícia possa realizar dentro da escola. Ao redor da escola observou-se que o bairro possui muitas áreas de risco e de vulnerabilidade nos indicadores de violência. Assim as crianças se tornam vulneráveis a este tipo de influência. Podemos perceber e sentir a agressividade das crianças. A escola por outro lado, tenta se defender criando mecanismos de contenção da criminalidade para fora de seus muros. Assim, cria-se uma falsa impressão de segurança e proteção, mas que a qualquer momento coloca professores, funcionários e pais em alerta. Questionados se eles tinham informações sobre Projetos na Escola com a Sociedade Amigos do Bairro, os pais disseram desconhecer se havia algum projeto nesse sentido. Durante à noite são ministrados os cursos de “Empreendedor” e CEJA nas instalações da escola e mantidos pela Sociedade Amigos do Bairro. Percebe-se claramente que há falta de comunicação sobre as atividades da Sociedade de Amigos do Bairro nas instalações da escola. Podemos levantar as seguintes hipóteses sobre essa falha: A escola acredita que a mesma já informou a Comunidade? A Sociedade de Amigos do Bairro divulga seus eventos à comunidade, quando utiliza as instalações da Escola?

Um dos elementos promotores de maior participação na escola consiste na disseminação de informações acerca do trabalho desenvolvido nela. A comunicação com este segmento não deve ser somente através de bilhetes, mas deve-se promover na escola uma política de participação, como criar a figura do ouvidor, a caixa de sugestões, reuniões em horários que os pais e mães possam de fato participar, promover palestras e cursos que atendam de fato seus anseios e, principalmente, promover a avaliação institucional. Na avaliação institucional, os segmentos da comunidade escolar poderão avaliar todas as dimensões do trabalho da escola e o grau de satisfação dos usuários em relação à mesma.

Aos pais e mães foi perguntado como são atendidos pela escola. Para grande parte dos respondentes, a escola oferece bom atendimento. Outro grupo disse que o atendimento é ótimo e outra parcela indicou ser satisfatório, conforme mostra o gráfico abaixo.



Apesar das respostas “Ótimo” e “Bom” serem maioria, houve uma mãe que afirmou que o atendimento “*Não é aquele que todos esperam*”. Indagou-se sobre quem procuram na escola, quando precisam de informações ou algum atendimento específico. Afirmaram que primeiro é o diretor, em seguida o coordenação pedagógica, o professor e depois a secretaria da escola.

Aos pais foi perguntado, então, como é percebido o atendimento dado pela secretaria da escola. Para a maioria dos depoentes o atendimento é bom. Procurou-se detectar deles se havia aspectos falhos no atendimento. Eles não apontaram, dizendo que há um esforço da secretaria em ter qualidade no atendimento.

Timidez e falta de jeito para a participação. A dificuldade de falar em público e expressar adequadamente as idéias, a baixa auto-estima e, a falta de convicção, sobretudo por parte dos segmentos dos pais e mães e dos estudantes de que a sua participação será importante e que trará resultados positivos, fazem com que se crie uma cultura da passividade e de conformismo. Analogamente, pode-se comparar o grau de satisfação em relação ao atendimento que recebem, sobretudo os usuários de baixa renda, tão acostumados a serem negligências em suas necessidades e anseios, que podem julgar um atendimento razoável com sendo muito bom, muitas vezes somente por terem sido ouvidos em suas reclamações ou angústias. Paro (1995) reforça este aspecto apontado que pais das camadas populares têm medo da escola, pois se sentem constrangidos em relacionar-se com pessoas com grau de instrução e nível econômico maior que o deles. Segundo o mesmo autor

Nota-se também uma espécie de ‘medo do desconhecido’, por conta da ignorância do usuário a respeito das questões pedagógicas e das relações formais e informais que se dão no interior da escola, sendo estas questões e relações vistas como assunto cujo acesso deve ser franqueado apenas aos técnicos e aos ‘entendidos’ e fechado, portanto, aos ‘leigos’ que utilizam seus serviços (Paro, 1995, p. 328).

Também foi perguntado aos pais e mães como é a sua relação com o(a) professor(a) de seu filho(a). Um grupo deles respondeu que é ótimo, pois os professores mostram-se dispostos a conversar com eles sobre o andamento/comportamento/notas dos seus filhos. Outro grupo disse que o relacionamento é bom e outros disseram ser satisfatório. Ao constatar tais respostas, não se pode deixar de remeter a idéia de Paro do parágrafo anterior. Talvez os pais vejam o docente como o único responsável pelo ensino-aprendizagem dos seus filhos, atendo-se em saber do professor apenas sobre o bom ou mau comportamento deles e do “produto da aprendizagem”- as notas. Já uma mãe demonstrou certa insatisfação quando disse: -“A professora é estressada. Deve separar a vida pessoal da profissional”. Podemos levantar algumas hipóteses em relação a esta ocorrência: o professor não quer se envolver emocionalmente; pai/mãe não aceitam o que o professor observa em relação ao seu filho; o professor não ouvir a queixa dos pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se afirmou na introdução do presente trabalho, não houve pretensão de esgotar a análise dos dados coletados na pesquisa realizada no Estágio Supervisionado I, até porque foi

feito aqui um recorte deles. Pretendeu-se muito mais trazer alguns achados e questionamentos acerca de como um grupo de pais e mães vêem a escola, sobretudo no que se refere a sua participação.

Adota-se o posicionamento de Bordenave (1983) para dizer que há necessidade do segmento de pais e mães não apenas fazer parte da escola, mas que devem tomar parte do que lhe cabe no interior dela. Em outras palavras, pais e mães devem ter a escola como uma parceira fundamental no processo de formação dos seus filhos. Desse modo, o que se faz na escola e suas relações internas e externas devem ser de interesse dos pais e mães também. Esse aspecto remete a constatação de que a participação dos pais e mães respondentes restringe-se a reuniões de pais e mestres, festas e comemorações.

Percebeu-se também que são poucas as ações pedagógicas voltadas para o segmento dos pais e mães, tais como cursos e palestras que vão ao encontro das necessidades e interesses deles. Outro aspecto observado é que existe pouca disseminação de informações. Esta poderia ser através de murais, cartazes ou informativos mensais ou semanais, bem como a realização da autoavaliação na escola. Falta, portanto, uma política de participação na escola.

Verificou-se também que aparentemente o atendimento aos pais é bom. Todavia, o que julgam ser um atendimento bom, pode na verdade ser razoável, muitas vezes somente por terem sido ouvidos em suas reclamações ou angústias, sem a resolução efetiva de algum problema. Talvez estejam acostumados a receber pouco e considerar muito.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. Diaz. **O que é participação**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

DEMO, Pedro. **Participação e conquista: noções de política social participativa**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

PARO, Vítor H. **Por dentro da escola pública**. São Paulo: Xamã, 1995.